

**Instituto Superior de Psicologia Aplicada**

**Ansiedade Materna de Separação e  
Adaptação Psicossocial ao  
Pré-escolar**

**Nº 11793 – Rita Maria Simões Inácio Rodrigues**

Orientadora de dissertação:  
Professora Doutora Manuela Veríssimo

Coordenadora de Seminário de dissertação:  
Professora Doutora Glória Ramalho

Tese submetida como requisito parcial  
para obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Psicologia da Educação

**2009**

**Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Manuela Veríssimo, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de mestre na especialidade de Psicologia Educacional conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 Setembro, 2006**

### **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho e de um percurso por vezes muito difícil mas invariavelmente recompensador. Com impossibilidade de nomear todas as pessoas a quem gostaria dar o meu enorme agradecimento, agradeço especialmente:

À Professora Doutora Manuela Veríssimo, pelo tempo que me dedicou e disponibilizou para a realização da dissertação de mestrado, pela sua sábia orientação, pelas suas recomendações pertinentes, pela utilidade dos seus conselhos, pelas suas críticas e sugestões.

Do mesmo modo, gostaria de agradecer à Professora Doutora Glória Ramalho pela sua orientação ao longo das aulas de Seminário e por todas as suas sugestões de forma a melhorar o meu trabalho.

À Santa Casa da Misericórdia de Mafra, especialmente às educadoras pela pronta colaboração, disponibilidade, acolhimento, integração, e por me terem dado oportunidade de recolher os dados na vossa instituição.

A todas as mães que se prontificaram a colaborar neste estudo e que possibilitaram a realização do mesmo.

Aos meus pais, por todo o apoio emocional, toda a confiança, e toda a força que me deram ao longo deste percurso. Proporcionaram a base necessária para a capacidade de ascender a esta importante etapa.

Ao meu irmão, pela paciência, disponibilidade e suas críticas construtivas, que tanto me ajudaram a chegar a esta fase.

Ao meu marido, Hugo, pelo o amor e toda a confiança que depositou em mim ao longo deste trabalho.

Agradeço também às minhas colegas de curso que se tornaram em grandes amigas Leandra Coelho, Carla Fernandes e Susana Froës, obrigada pela amizade, apoio, compreensão, força, e confiança que sempre depositaram em mim.

**Resumo:** A presente investigação procurou analisar e compreender a relação entre a ansiedade materna de separação e a qualidade da adaptação psicossocial de crianças em idade pré-escolar. Neste estudo participaram 46 crianças com 3 anos de idade, respectivas mães e educadoras de infância. O estudo consistiu na aplicação de dois instrumentos, a Escala de Ansiedade Materna de Separação, que foi administrada às mães, permitindo identificar sentimentos e atitudes maternas face à separação, a Escala da Adaptação Psicossocial, administrada às educadoras de infância, permitindo identificar a qualidade da adaptação psicossocial das crianças. Os resultados obtidos neste estudo indicaram que a ansiedade materna de separação influencia a qualidade de adaptação psicossocial da criança. As mães que apresentam elevada ansiedade de separação têm filhos com comportamentos de isolamento e pró-sociais. Com a nossa investigação esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão entre a relação da ansiedade materna de separação e adaptação psicossocial da criança, bem como alertar para importância da implementação de estratégias preventivas, que visam um desenvolvimento ajustado e um percurso adaptado.

**Palavras-chave:** Adaptação psicossocial, Ansiedade Materna de Separação

**Abstract:** The current investigation analysed and explored the relationship between the maternal separation anxiety and the quality of preschooler's psychosocial adaptation. In this study we have included 46 children, with 3 years old, respective mothers and infant teachers. The study consisted on applying two instruments, the Scale of Maternal Separation Anxiety, which was administered to mothers, allowing identification feelings and attitudes concerning separation, the Psychosocial Adaptation Scale, administered to teachers, identified the quality of psychosocial adaptation of children. The results of this study indicated that maternal separation anxiety influence the quality of child psychosocial adaptation. Children of mothers who have high anxiety of separation will have isolation and pro-social behavior. With our research we have contributed to a better understanding of the relationship between maternal anxiety of separation and child psychosocial adaptation, and alert to importance of preventive strategies implementation of proper development and a suitable adaptation.

**Key words:** Maternal separation anxiety, psychosocial adaptation.

## Índice

<b>I – Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>II – Revisão de literatura.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1) Vinculação.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1.1) Definição do conceito .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1.2) Vinculação e Ansiedade de Separação .....</b>	<b>10</b>
<b>2.2) Ansiedade Materna de Separação.....</b>	<b>12</b>
<b>2.3) Competências Sociais .....</b>	<b>15</b>
<b>2.3.1) Definição do conceito .....</b>	<b>15</b>
<b>2.4) Adaptação Psicossocial .....</b>	<b>18</b>
<b>2.5) Ansiedade Materna de Separação e Adaptação Psicossocial .....</b>	<b>20</b>
<b>III – Objectivos do estudo.....</b>	<b>22</b>
<b>IV – Método.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1) Participantes.....</b>	<b>24</b>
<b>4.2) Instrumentos.....</b>	<b>24</b>
<b>4.3) Procedimentos .....</b>	<b>28</b>
<b>V – Resultados.....</b>	<b>29</b>
<b>VI – Discussão.....</b>	<b>32</b>
<b>VII – Referências Bibliográficas.....</b>	<b>36</b>
<b>VIII –Anexos.....</b>	<b>40</b>

## I – Introdução

A teoria de vinculação diz respeito à primeira relação social, por norma estabelecida com a mãe, e às perturbações decorrentes da separação.

A ansiedade da separação descreve reacções vivenciadas pela criança quando separada da figura parental, como a mãe ou o pai. Contudo, a ansiedade da separação, começou a ser estudada e notificada para descrever as situações experienciadas, não só pela criança, como também pela mãe visto que ao deixarem os seus filhos, por um certo período de tempo, também se sentem desconfortáveis. Esta reacção é designada por ansiedade materna de separação; esta é definida, como um estado emocional desconfortável, que se manifesta por uma grande tristeza, culpabilidade e inquietação (Hock, McBride & Gnezda, 1989).

O comportamento das mães perante a separação é fulcral, na medida em que irá influenciar o comportamento da criança face à adaptabilidade de novos contextos e conseqüente influencia na aquisição de novas competências. Alguns estudos sugerem, que certos comportamentos parentais têm um impacto de tal forma na vida da criança, que são considerados impulsionadores de problemáticas comportamentais, reflectindo um impacto a nível emocional e social (Lopes et al., 2006).

É no jardim-de-infância que se observam as primeiras transições, os primeiros conflitos e confrontos com a realidade não familiar, onde a criança sente a falta da protecção a que está habituada, junto da figura de vinculação (Silva, et al., 2004). É nesta transição que as primeiras frustrações são vivenciadas, consequência de estar longe da mãe. Isto poderá influenciar adaptação da criança ao pré-escolar. Contudo, as fases de separação são influenciadas pelo tipo de relação que se estabelece à partida com a figura de vinculação.

Uma criança socialmente competente, é capaz de deliberar, na tentativa de obter situações sociais seguras, tendo competência e capacidade para lidar e negociar com as interacções sociais (Rose-Krasnor, Rubin, Booth & Coplan, 1996, cit. por Silva, et al., 2004).

Desta forma, o presente estudo tem como objectivo primordial, relacionar ansiedade materna de separação com a adaptação psicossocial de crianças em idade pré-escolar.

Tendo como ponto de partida a teoria de vinculação, onde vários estudos se debruçaram sobre o tipo de relação existente entre o emprego materno e a qualidade de vinculação. Estes estudos sugerem a hipótese de que o emprego materno pode influenciar de forma negativa a relação da díade (Chase-Landsdale & Owen, 1987).

Stifter, Coulehan e Fish (1993) apresentaram um estudo onde foi possível concluir que, as mães que apresentavam níveis elevados de ansiedade materna de separação influenciariam negativamente a interacção da díade.

Gottlieb (1991) e Strayer (1997) referem que problemas de adaptação social se convertem no comportamento precoce de uma trajectória adaptativa, que se traduzem na perda de potencialidades para o desenvolvimento das competências das crianças. As crianças que apresentam dificuldade/problemas de adaptação social manifestam essencialmente comportamentos de agressão e isolamento. (cit. por Silva, 2004).

Neste contexto o que se pretende compreender é a forma como a ansiedade materna de separação (nas dimensões identificadas por Hock, McBride e Gnezda, 1989), poderá relacionar-se com a adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar.

A apresentação deste estudo está organizada em três áreas distintas: na primeira, apresenta-se uma revisão de literatura referente a uma breve descrição da teoria de vinculação; descrição do conceito Ansiedade Materna de Separação; constructo de Competências Sociais e no final do estado de arte abordaremos as Questões essenciais da adaptação Psicossocial da criança. Seguindo-se a apresentação da metodologia referente à prática deste estudo, respectiva análise e discussão dos resultados.

## II – Revisão de literatura

### 2.1) Vinculação

#### 2.1.1) Definição do conceito

A teoria da vinculação foi introduzida por Bowlby, tendo sido ao longo do tempo influenciada por diversas correntes, nomeadamente, da psicanálise, da etologia, da cibernética, da psicologia do desenvolvimento e da psicologia cognitiva. Bowlby (1981) iniciou as suas investigações com crianças pequenas que eram colocadas em locais estranhos, não familiares, com pessoas igualmente estranhas de forma a verificar quais as consequências que a separação da mãe provocava na criança. Em conjunto com Robertson, verificaram que apesar destas crianças fossem alimentadas e cuidadas por outras pessoas, demonstravam um comportamento de intenso stress face à separação das mães por determinados períodos de tempo (Cassidy & Shaver, 1999).

O elevado número de pesquisas, contribuíram para que o autor percebesse que não só as relações com a mãe são um factor importante para a funcionalidade da criança, assim como, que esta relação tem extrema importância imediata para a criança. Até esta altura acreditava-se que a natureza dos laços afectivos da criança com a mãe eram tradicionalmente referidos como dependência, sendo a razão do desenvolvimento destes laços o facto de a mãe alimentar o bebé (Ainsworth, 1969). Nesta altura, a alimentação era vista como a necessidade primária do bebé, fonte da relação pessoal e laço vincutivo, causando uma dependência do bebé pela mãe. Contudo, através das suas observações e experiências com crianças, Bowlby, (1988) não concordava com esta teoria. Não podemos negar que quando o bebé nasce é totalmente dependente da mãe para sobreviver; a dependência é máxima, mas vai diminuindo de forma gradual, à medida que a relação de vinculação se vai estabelecendo, até ser atingida a maturidade, sendo sua função promover a autonomia, diminuindo a dependência da criança pela mãe.

Os estudos de Lorenz e Harlow com animais demonstraram que certas espécies desenvolviam um forte laço afectivo a uma figura individual, sem o intermediário da alimentação, mas sim com a procura de protecção e conforto. É então através da junção de várias teorias que Bowlby formulou uma nova proposição de que os mecanismos subjacentes

aos laços da criança para com a mãe emergem originalmente como resultado de pressões evolucionárias (Cassidy & Shaver, 1999), dando origem à teoria da vinculação. Para Bowlby (1981), o comportamento de vinculação é concebido por qualquer tipo de comportamento que resulte da atracção ou restrição da proximidade de uma criança para com um indivíduo diferenciado e preferencial. O comportamento de vinculação leva a um desenvolvimento saudável, relativamente ao desenvolvimento afectivo de laços vinculativos, inicialmente entre pais e criança e, mais tarde, entre adulto – adulto (Bowlby, 1981).

Um dos aspectos fulcrais da teoria da vinculação é o reconhecimento da importância essencial do comportamento de vinculação para a espécie humana: a sobrevivência da mesma só pode ser compreendida se tivermos em conta que os bebés nascem com um sistema comportamental que tem como função protegê-los de situações perigo (Soares, 2006).

A vinculação está interligada com outros sistemas, nomeadamente o sistema de exploração e o sistema de prestação de cuidados envolvidos na interacção da díade mãe/filho (Cassidy & Shaver, 1999). Quando a criança está perante uma situação que lhe causa medo ou ansiedade, automaticamente activa o sistema de vinculação na procura de protecção junto à sua figura de vinculação. O objectivo de proximidade e de segurança para explorar o meio faz com que a figura de vinculação seja vista como refúgio seguro e como base segura, isto é, quando a criança se sente segura ela pode utilizar a mãe como base segura, a partir da qual explora o meio com confiança. Contudo, quando algo ameaçador é sentido pela criança é restabelecida a proximidade como forma de refúgio. Quando reestruturado o sentimento de segurança, a criança pode voltar à sua exploração deixando a figura de vinculação como refúgio, para se transformar em base segura (Soares, 2006).

A noção de vinculação introduzida por Bowlby foi bastante útil não só para os clínicos e psicólogos do desenvolvimento, como também para os próprios pais. Vários foram os autores que contribuíram para a clarificação e amplificação desta teoria, no entanto, um dos maiores contributos passa por Mary Ainsworth, pioneira dos estudos empíricos sobre o comportamento de vinculação em Uganda (1963, 1967) e em Baltimore (1977) (Bowlby, 1988; Soares, 2006). Foram feitas observações naturalistas das interacções entre mães e filhos em casa das mesmas, aplicando os princípios de teoria de vinculação (Ainsworth & Bowlby, 1991).

Segundo Thompson (1998), os acontecimentos vivenciados pela criança, independentemente do seu conteúdo, da sua composição e estrutura de representação são automaticamente moldados, quer pelas representações pré-linguísticas e não-verbais, como também pela estrutura verbal conseqüentemente ligada às interacções de diálogo com os pais. Deste modo possibilita à criança recordar acontecimentos anteriores, como também consegue antecipá-los.

Desta forma, é importante realçar que todos os acontecimentos representados pelos pais vão de certa forma influenciar as representações dos filhos. A qualidade de relação de vinculação que é estabelecida pela díade torna-se um aspecto fulcral para desenvolvimento da criança. Esta irá influenciar os comportamentos que a criança adopta face às situações vividas no seu quotidiano. É de salientar a forma como as crianças reagem face a uma situação de separação, mesmo sendo por um curto período de tempo, a qualidade de relação de vinculação estabelecida exerce extrema influência nesta situação.

### **2.1.2) Vinculação e Ansiedade de separação**

É no primeiro ano de vida da criança que geralmente surge a ansiedade da separação. Inicialmente, uma criança não diferencia familiares de não familiares, conseqüentemente não demonstra nenhum sinal da ansiedade durante a separação dos seus pais. Sendo assim, aceitam prontamente a interacção com desconhecidos, e não protestam a separação de seus pais. Próximo dos sete meses da idade, a criança começa a reconhecer as figuras parentais, e é nesse momento que a criança começa a expressar a ansiedade da separação, sendo visível no seu comportamento – sendo manifestado pela procura directa dos seus familiares (Cole & Cole, 2003).

Quando o bebé se torna mais autónomo, o comportamento de protesto torna-se mais activo, particularmente na procura da mãe. Com o desenvolvimento do gatinhar e do andar, em vez de gritar, na tentativa de chamar a atenção, seguirá a sua figura de vinculação.

As manifestações notórias da ansiedade da separação dão-se com mais intensidade, entre doze e dezoito meses da idade. Após os primeiros passos, geralmente, depois do primeiro aniversário, a criança desenvolve-se cognitivamente, usando comportamentos específicos para lidar com as separações diminuindo a ansiedade da separação, sendo que, esta regula o relacionamento físico e emocional entre a criança e a figura de vinculação (Cole & Cole 2003). Ao lidar com a separação as crianças vai adquirindo a capacidade de compreender que as separações são provisórias e que a sua mãe voltará.

Com o desenvolvimento da criança, o protesto e o comportamento de procura da proximidade da figura parental em situações de separação, coincidem com o estabelecimento da relação de vinculação com a figura parental. A qualidade da relação de vinculação não está relacionada com o desenvolvimento da ansiedade da separação, contudo, pode influenciar os comportamentos de protesto da separação.

Quando a figura de vinculação é sensível às necessidades da criança e responde apropriadamente, a criança desenvolverá uma vinculação segura. Uma criança com vinculação segura, confia no seu cuidador, pois sabe que está sempre disponível quando necessita. Neste sentido, em situações de separação a ansiedade diminuirá, no entanto, se a criança experienciar uma situação em que a mãe não é sensível às suas necessidades, poderá desenvolver uma relação de vinculação insegura. A ansiedade da separação numa criança com vinculação insegura será realçada aquando a falta de confiança na disponibilidade dos cuidadores.

A criança indica também uma ansiedade maior de separação, quando tem menos experiência de situações de separação da mãe. (Jacobson e Wille, 1984). Quando a criança tem vários cuidadores (mãe, pai, avós, e educadora), menos protesto de separação é constatado. Neste sentido, no decorrer das separações, compreendem que estas ausências são provisórias, apresentando maior facilidade em adoptar a melhor forma de lidar com a separação. Porém, estas crianças poderão ter desenvolvido relações de vinculação com vários cuidadores e/ou podem ter aprendido a procurar o conforto de outros adultos.

Teoricamente, a ansiedade da separação numa criança é considerada um processo normal do desenvolvimento, sendo que, permite assegurar a sobrevivência e desenvolvimento da criança (Bowlby, 1969 cit. por Hock, et al., 1989). Uma criança que viva

uma situação de separação da mãe, manifestará comportamentos, grita, chora, e chama a mãe, tendo com estes comportamentos o objectivo de terminar a separação. Isto permite que a criança permaneça na proximidade da mãe; aumentando a sensação de protecção.

Além da qualidade de vinculação a ansiedade da separação é influenciado por outros factores, tais como, o comportamento dos pais face à separação influenciará o tempo de protesto da criança (Field et al. 1984).

Os trabalhos realizados nesta linha de investigação, sugerem que a separação entre a mãe/criança, é vivida de forma incómoda não só para a criança, como também para a mãe (Bowlby, 1969, cit. por Hock, McBride & Genezda, 1989). São diversas as situações em que a mãe é forçada a deixar a criança por um determinado tempo, por exemplo, a situação que tem sido alvo de estudo, é a relação entre o emprego materno, e o desconsolo desta ao deixar a criança, nomeadamente visível em elevada ansiedade materna.

## **2.2) Ansiedade Materna de Separação**

Dado o elevado número de investigações permitiram designar a ansiedade de separação, sendo um conjunto de emoções e sentimentos desagradáveis, tais como a perda, a solidão e tristeza, que são vivenciadas quando os sujeitos são separados de uma pessoa importante da sua vida.

A ansiedade da separação é geralmente descrita segundo a reacção de uma criança que seja separada da figura parental, como a mãe ou o pai. Contudo, a ansiedade da separação, notifica-se também para descrever outras situações da vida do indivíduo. Sendo o termo usado para dignar as reacções das mães ao deixarem os seus filhos, por um certo período de tempo (Hock, McBride, & Gnezda, 1989), contudo, o termo correcto para descrever este tipo de reacção, é ansiedade materna de separação. Define-se como um estado emocional desconfortável, que se manifesta por uma grande tristeza, culpabilidade e inquietação.

Em Portugal, a maternidade é legalmente protegida, embora muitas mães sejam forçadas a reiniciar a actividade laboral antes do tempo estabelecido por lei. Chasen-Lasdale & Owen, (1987) tentaram relacionar o impacto do emprego materno com qualidade de

relação de vinculação. Os autores concluíram que não existia uma relação entre o emprego materno e a qualidade de vinculação. No entanto, outros autores na mesma linha de investigação procuraram relacionar o emprego materno, com a relação de vinculação mãe-criança, porém, numa perspectiva consequente ao facto de existir uma separação de várias horas.

O interesse sobre a temática da ansiedade materna de separação tem vindo a ser foco de estudo para diversos autores, relacionando este conceito a diversos factores.

Stifter, Coulehan e Fish (1993) estudaram a relação do emprego materno e a qualidade de vinculação, e tentaram compreender de que forma a ansiedade materna de separação serviria de mediador nesta relação. Os resultados obtidos neste estudo, revelaram que a ansiedade materna de separação e o estilo interactivo actuam como mediador entre o emprego e a qualidade de vinculação, sendo que, as atitudes de elevada intrusão nas interacções das mães com os seus filhos, é resultante de uma elevada preocupação acerca da separação provocada pelo emprego. Enquanto que, por outro lado as mães trabalhadoras com baixos níveis de ansiedade não demonstravam tais atitudes.

De acordo com os trabalhos realizados por Hock, McBride & Gnezda, (1989) na tentativa de compreender os processos do desenvolvimento humano; estudaram as atitudes e as crenças que as mães têm em relação ao seu trabalho laboral, sendo que, este poderia influenciar o desenvolvimento dos seus filhos, tendo assim um peso importante na decisão de voltar ou não a trabalhar. Os resultados obtidos permitiram concluir, que as mães que acreditam estar a influenciar negativamente o desenvolvimento dos seus filhos por trabalharem, encontram-se em constante conflito consigo mesmas. No entanto, aquelas mães que trabalham e descrevem o emprego como aspecto positivo, provavelmente sentem uma elevada ansiedade por deixarem os filhos ao cuidado de outro.

A investigação Hock e DeMeis (1990) focaram-se em compreender se os factores psicológicos eram mediadores entre o emprego materno, a maternidade e o estado da saúde mental das mães. Segundo os autores as mães que preferem trabalhar, mas no entanto, permanecem em casa revelam elevados níveis de sintomas depressivos, por outro lado, também se verifica que estas mães entram mais facilmente em conflito com as suas crenças

sobre o papel materno, a separação com seus filhos, carreira e emprego (Hock, & Schirtzinger, 1992).

As mães que tem elevados níveis de ansiedade tendem a ter mais facilmente sintomas depressivos, menor autonomia, menor capacidade para lidar/enfrentar a situação e uma representação negativa de si mesma. (Hock, & Schirtzinger, 1992). As crianças filhas de mães depressivas apresentam uma imaturidade emocional, sendo estas crianças frequentemente descritas como muito difíceis, ansiosas e muito agitadas. Estas características dão-se devido às mães apresentarem uma elevada ansiedade, e que por sua vez transmite-a à criança (Francisco, 2007).

As características individuais da criança também têm grande influência na ansiedade materna de separação, nomeadamente a idade, género e temperamento. Por exemplo, relativamente ao emprego materno e a ansiedade materna de separação nos filhos, comparativamente com as filhas reflectem maior venerabilidade de cuidados maternos. Com esta investigação os autores sugerem que as mães que planeavam trabalhar após o nascimento do bebé, é mais provável não fazê-lo quando têm meninos, no entanto, as mães que tencionavam ficar em casa, mas voltam ao trabalho é mais provável que tenham meninas (McBride & Belsky, 1988).

É de salientar que as representações e memórias da própria mãe acerca da própria infância, nomeadamente a relação de vinculação com os pais, também são um factor determinante na ansiedade materna de separação. As Mães cujas experiências de infância sejam negativas contribuem para uma elevada ansiedade de separação para com os seus próprios filhos (Lutz & Hock, 2001).

De acordo com Rutter (1989, cit. por Pires, 2001) o comportamento parental são todos os cuidados que os progenitores prestam à criança, onde visam proporcionar um ambiente favorável ao equilibrado desenvolvimento cognitivo e social da criança. As interacções que contribuem para o comportamento dos cuidadores, as próprias características das crianças, o contexto familiar, social e cultural, contribuem para vários caminhos desenvolvimentais. O comportamento parental tem assim, um papel fulcral no desenvolvimento da criança, onde sustenta a sua aprendizagem, na aquisição de competências, tais como, comportamentos correctos socialmente, altruísmo, auto-confiança, responsabilidades, entre outros (Lopes et al, 2006). Neste âmbito, um desenvolvimento equilibrado da criança depende em grande parte do comportamento parental, particularmente,

em estratégias de coping e em repostas que os pais são capazes de dar face às necessidades da criança (Francisco et al, 2007).

O comportamento materno transporta consequências na interacção mãe-filho e para na própria criança. As mães que adoptam comportamentos de grande proximidade e exclusividade no tipo de relação com os filhos, também demonstram uma grande dificuldade de separação, não só visível por parte da mãe, como também na criança. Seguidamente a esta dificuldade de separação, desperta um tipo de protecção excessiva por parte da mãe, e como consequência nasce uma relação de dependência entre a díade, originando um desinvestimento na relação, que por sua vez, esta criança irá revelar fraca autonomia e sobretudo revela dificuldades na interacção entre pares (Francisco et al, 2007).

A ansiedade materna de separação é moldada pela criança, pela mãe, pelos factores contextuais e está associada ao comportamento parental, (Hsu, H., 2004) sendo que o comportamento das mães face à separação irá influenciar o comportamento da criança face à adaptabilidade a novos contextos e consequentemente influenciar a aquisição de novas competências. Alguns estudos sugerem, que certos comportamentos parentais têm um impacto enorme na vida da criança, sendo considerados impulsionadores de problemáticas comportamentais, tendo assim, um impacto a nível emocional e social (Lopes et al, 2006).

Sendo o papel dos pais, fundamental na vida dos seus filhos, onde os seus comportamentos são determinantes na aprendizagem da criança, nomeadamente, no impedimento de comportamentos não aceitáveis socialmente, influenciando e dando ênfase à aquisição de comportamentos desejáveis, torna-os responsáveis pelo modo como a criança cresce e se torne socialmente competente.

## **2.3) Competências sociais**

### **2.3.1) Definição do conceito**

As competências sociais são foco de investigação desde os anos 30 (Lopes, et al., 2006). Ao longo do tempo este constructo tem sido alvo de várias contribuições para uma definição mais específica.

As competências sociais são, um instrumento que nos torna competentes em termos sociais, ou seja, por este constructo entenda-se as características, os atributos, as qualidades que determinado indivíduo possui e utiliza na sua relação com os outros (Moreira, P., 2004).

Este conceito está profundamente ligado a estudos acerca da motivação, comportamento, inteligência e adaptação (Bost, et al., 1998).

A literatura em geral aponta como sendo um conceito enquanto eficácia (uso de habilidades sociais) na interação com os outros (Rose-Krasnor, 1997).

Ser socialmente competente significa ter capacidade de empregar recursos pessoais e ambientais, que utilizados de forma adequada permitem ao indivíduo atingir determinados objectivos sociais. Estes recursos dependem de alguns factores, sendo que os recursos ambientais são dependentes da idade do indivíduo, por outro lado, os recursos pessoais dependem da capacidade do indivíduo de beneficiar desses recursos ambientais. (Bost, et al, 1998).

Rose-Krasnor (1997) apresenta-nos um modelo conceptual de competências sociais, privilegiando o sucesso social como relativo, sendo dependente do contexto onde se dão as interações sociais, logo, a capacidade do indivíduo deixa de ser foco neste modelo. Neste sentido, a autora, dissocia-o em três diferentes níveis: um nível de carácter moral, não sendo possível resumir a um único comportamento (Waters & Sroufe, 1983 cit. por Rose-Krasnor, 1997). O nível de enumeração de índices da competência social, como sequência de interações, relações, grupos, eficácia social e auto-eficácia. A este nível estão associadas duas dimensões: a do próprio indivíduo e aos outros com quem interage (Rose-Krasnor, 1997). O último nível, diz respeito às capacidades sociais, emocionais, motivacionais e cognitivas, ou seja, é o nível das habilidades (Rose-Krasnor, 1997).

Deste modo, concebe-se a competência social como um conceito com características organizacionais, contudo, dependentes do contexto onde indivíduo está inserido, bem como dos objectivos específicos (Rose-Krasnor, 1997).

Bost, et al., (1998) sugerem a competência social, como integrativa possibilitando uma definição e avaliação mais concreta. Neste sentido, compreendem que a competência social é a capacidade de gerir e moldar o comportamento, o afecto e a cognição, de forma a atingir os objectivos sociais.

Uma criança socialmente competente é aquela que procura resolução, na tentativa de obter situações sociais seguras, tendo competência e capacidade para lidar e negociar com as interações sociais (Rose-Krasnor, et al, 1996). Deste modo, as competências sociais assumem um papel determinante para o desenvolvimento social da criança. O uso inadequado desta capacidade desenvolve barreiras a nível social, levando não só à exclusão, como também influencia o estatuto social que a criança ocupa no seu grupo de pares, bem como, a formação e integração das relações de amizade, impedindo a interação, a partilha, as experiências e actividades; barrando a construção de objectivos comuns.

Quando se fala em competências sociais, a literatura também apresenta-as como um conjunto de habilidades sociais, sendo esta considerada a capacidade específica necessária para executar de forma competente.

A carência de habilidades sociais resultam, em dificuldades na interação social, nomeadamente, estabelecimento de novas amizades, aceitação de críticas, modo como lida com provocações, na resolução de problemas, nas práticas assertivas e dificuldade de adaptação a novas situações.

As habilidades relacionadas à adaptação social envolvem-se num todo sistema, que engloba vários contextos, sendo que, ao estabelecerem relações entre si desenvolvendo modelos de comportamentos sociais, que poderão ser adequados ou inadequados (Hartup, 1991 cit. por Bost et. al, 1998).

De um modo geral, a competência social é compreendida como um conceito organizado, embora, dependente do contexto e dos objectivos específicos. A competência social enquanto eficácia na interação social no uso de habilidades desejadas que permitem atingir objectivos individuais na interação com os outros.

Assim sendo, é possível destacar a extrema importância das competências sociais no desenvolvimento da criança, influenciando adaptabilidade de novos contextos, sendo fundamental isolar factores de risco para o desenvolvimento destas competências, nomeadamente, no que diz respeito a trajectórias comportamentais desfavoráveis, que estão dependentes de vários factores que permanecem sistematicamente associados a essas trajectórias, por exemplo factores de ordem familiar.

## 2.4) Adaptação Psicossocial

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson enfatiza o desenvolvimento humano desde o nascimento até ao fim da sua vida, tendo em conta a interacção do indivíduo com o seu meio, afectivo, social, histórico, e cultural (Silva & Costa, 2005). Erikson criou alguns estádios, que designou de psicossociais, onde descreveu algumas crises pelas quais o indivíduo passa ao longo da vida. Estas crises seriam estruturadas para que, ao abandona-las, o sujeito saíria com um ego mais fortalecido ou mais frágil, estando de acordo com a sua vivência de conflito. A resolução de um estágio é independente da resolução do estágio anterior, contudo, a qualidade de resolução de um estágio actual está dependente dos anteriores (Silva & Costa, 2005). Desta forma no crescimento e no desenvolvimento da criança reflectem-se determinados comportamentos visíveis no seu contexto social, palco destas crises.

A escola e o jardim-de-infância são um dos maiores contextos de socialização e modeladores no percurso de desenvolvimento da criança, e onde maioritariamente se observam comportamentos disfuncionais. As dificuldades de adaptação na entrada do pré-escolar, têm um carácter cumulativo, e de um modo geral, perpetuados por factores sócio-psicológicos. É com o surgimento de determinados obstáculos, que se torna complicado, pois a criança gradualmente sente uma dificuldade acrescida em futuros progressos (Butler, Marsh & Sheppard, 1985; Coie & Dogge, 1983; Horn & Parckard, 1985 cit. por Lopes et al., 2006).

É na transição para o jardim-de-infância que são evidenciadas as adaptações e inaptações da criança. Uma vez, que esta irá ajustar as suas competências sociais que desenvolvem uma série de comportamentos que levarão a níveis mais elevados de desenvolvimento (Silva et al, 2004).

É neste contexto que se observam os primeiros conflitos e confrontos com a realidade não familiar, onde a criança sente a falta da protecção a que está habituada, junto da figura de vinculação (Silva, et al., 2004).

Segundo Berndt e Miller (1990, cit. por Lopes et al., 2006) a capacidade que a criança tem em confrontar esta nova exigência pode conduzi-la a diversos percursos a nível de adaptabilidade. Os autores apontam para três diferentes níveis para a conceptualização de

adaptação a esta nova realidade: a motivação para a realização (grau que a criança atribuiu ao valor da aprendizagem), a competência percebida (a percepção que a criança tem acerca das suas competências), e a conduta da sala em termos escolares (obediência/disrupção).

É verdade que os comportamentos parentais têm um papel fulcral no desenvolvimento da criança, contudo é importante ter em conta as próprias características da criança.

Segundo Gottlieb (1991) e Strayer (1997) os problemas de adaptação social convertem-se do comportamento precoce da trajectória adaptativa, que se manifesta essencialmente na perda de potencialidades para o desenvolvimento das competências das crianças. As reacções mais visíveis das crianças com dificuldade/problemas de adaptação social manifestam-se em comportamentos de agressão e isolamento. (cit. por Silva, R., et. al., 2004). Tipos de comportamentos prossociais ou agressivos vão por sua vez, predizer níveis de aceitação ou rejeição pelos pares (Ladd & Price, 1986) sendo assim, sugere-se que as habilidades sociais da criança influenciam a dimensão de sucesso acerca do desenvolvimento de relações de interpessoais com os seus pares no contexto de pré-escolar/escola (Lopes et al., 2006).

Ladd e Asher, (1985 cit. por Lopes et al, 2006) sugerem que as crianças com um estilo prossocial tornam-se crianças mais apreciadas e menos rejeitadas no seu grupo de pares, por outro lado, as crianças que apresentam estilos antissociais tendem a ser rejeitadas, não apreciadas, sendo complicado manter algum tipo de relacionamento com os pares.

As crianças com maiores dificuldades de adaptação também apresentam elevados níveis de comportamentos agressivos e de isolamento social (Silva, et al., 2004).

Inúmeros estudos realizados sobre o risco psicossocial encontram uma unanimidade com respeito aos comportamentos de isolamento social. Os investigadores sugerem que a certeza passa por crianças apresentarem maior dificuldade de interacção social (Ladd & Burgess, 1999).

De salientar as práticas adoptadas pela família podem colocar a adaptação da criança em risco. As experiências vivenciadas pela criança em contexto familiar de grande tensão, tendem a colocar a criança numa situação de grande dificuldade de adaptação ao contexto escolar. A monitorização parental também esta relacionada com a adaptação dos filhos ao meio escolar, sendo estas crianças mais rejeitadas no grupo de pares. O controlo excessivo

impede que a criança seja independente, e tendem a ter problemas de disrupção e agressividade. (Ladd, 1989 cit. por Lopes et al, 2006).

Com a investigação de Perlman, Garfinkel & Turrell (2007), sobre a influência dos pais e irmão sobre os comportamentos de conflito da criança em idade pré-escolar, foi possível verificar que estes exercem influencia na forma como a criança gere os conflitos, porém, as crianças não adquirem tais competências somente por modelagem e imitação do comportamento parental e dos irmãos. Existem outros factores, tais como, a diferença de poder que existe nas diferentes relações dentro da família que contribuem para o impacto dos pais e irmãos neste contexto.

Em suma, as questões de adaptação da criança a determinado contexto social, nomeadamente pré-escolar, é um processo bastante complexo e que é influenciado por vários factores, sendo os ambientes interpessoais, e as próprias características da criança, preditores importantes na adaptação da criança. É de salientar, que algumas crianças que apresentam dificuldades perante as exigências sociais, podem ser compensadas por uma relação de apoio dos educadores e dos seus pares, de forma inversa, serem agravadas por experiencias vivenciadas de grande tensão, ocorridos, quer na família quer na escola (Lopes et al, 2006).

Neste seguimento, verifica-se que o tipo de relação entre a criança e os pais, especificamente à figura vinculativa, é fulcral para o desenvolvimento da criança nomeadamente na adaptação psicossocial desta ao contexto pré-escolar.

## **2.5) Ansiedade materna de separação e a adaptação psicossocial**

Os autores Hock, McBride e Gneza (1989), estudaram as vivencias maternas associadas à separação, tendo em conta que estas estariam intimamente ligadas a todo o processo de desenvolvimento humano. Desta vivencia materna face à separação resulta um estado emocional extremamente desagradável, sendo diariamente vivenciado entre a mãe e a criança quando esta é entregue no infantário.

Hoje em dia verifica-se um número elevado de mulheres que trabalham, e são forçadas a conjugar o seu trabalho com os cuidados maternos. As mães optam por esta

situação por variadíssimas razões, muitas são obrigadas a fazê-lo por razões económicas, porém existem mães que fazem-no de livre vontade. Alguns estudos sugerem que o trabalho materno influencia de forma negativa o desenvolvimento da criança, contudo, o estudo realizado por DeMeis, McBride e Hock, (1986) refere que não é somente o trabalho materno que influencia o desenvolvimento da criança, mas tudo o que está envolvido na prática dessa separação, ou seja, os sentimentos maternos em relação ao seu trabalho e as crenças maternas face ao desenvolvimento da criança originado pela separação. De acordo com os autores as mães apresentam níveis mais elevados de ansiedade materna de separação devido a estes factores, mas também é visível a grande influência na qualidade de adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar. (cit. por Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

Noutro estudo, foi possível verificar que as mães que trabalham apresentam níveis inferiores de ansiedade de separação, comparativamente às mães que não têm emprego. Também se verificou que as mães que têm atitudes de elevada intrusão nas interações com os seus filhos são resultantes de uma elevada preocupação acerca da separação provocada pelo emprego. Enquanto que, as mães trabalhadoras com baixos níveis de ansiedade não demonstram tais atitudes (Stifter, Coulehan & Fish, 1993).

O estudo sobre a relação entre ansiedade materna de separação e adaptação psicossocial de crianças em idade pré-escolar, nomeadamente 3 e 4 anos de idade, sugere que a ansiedade materna de separação influencia a qualidade de adaptação psicossocial da criança, especialmente, nas mães que apresentavam elevada ansiedade de separação, sendo que os filhos apresentam comportamentos reveladores de baixa competência social (Veríssimo, Alves, Monteiro & Oliveira, 2003).

Com estudos apresentados, evidencia-se que a elevada ansiedade de separação influencia o tipo de interação que é estabelecido entre a díade mãe/criança, o que por sua vez irá implicar consequências de risco no desenvolvimento da criança.

A relação de vinculação estabelecida entre a mãe e a criança determina o desenvolvimento da criança, nomeadamente, sendo fundamental na aquisição de competências e relacionamento entre pares. Deste modo, esta relação determina a forma como a criança se adapta a novos contextos.

### III – Objectivo da investigação

A ansiedade materna de separação tem sido foco de estudo de alguns investigadores, baseando-se na premissa de que esta separação vivida pela mãe e criança é sentida de forma desagradável pela díade (Bowlby, 1969 cit. por Hock, McBride & Gnezda, 1989).

A existência de alguma ansiedade de separação é comum e considerada normal em todas as mães. Porém, as mães que apresentam níveis muito elevados de ansiedade de separação, adoptam comportamentos de excessiva protecção, que poderão ter consequências negativas no desenvolvimento da criança (Benedeck, 1970 cit. por Hock, McBride & Gnezda, 1989; Lutz & Hock, 1994, McBride & Belsky, 1988).

A ansiedade materna de separação é vista um conceito complexo, multideterminado e multidimensional (Hock, McBride & Gnezda, 1989, McBride & Belsky, 1988). A estrutura básica da personalidade da mãe, as orientações determinadas geneticamente e as influências contextuais e culturais do seu meio vão influenciar de forma decisiva no modo como esta vive e percebe as separações quotidianas do seu filho, esta é a razão do constructo multideterminado. Um constructo multidimensional, porque, a ansiedade materna de separação é traduzida por dimensões básicas como a ansiedade ou como o desassossego provocado pela separação ou a forma como a mãe percebe os efeitos da separação no desenvolvimento da criança. Visto que o comportamento parental exerce uma grande influência no desenvolvimento da criança, é importante compreender de que forma a ansiedade materna de separação determina a adaptação psicossocial da criança no pré-escolar.

É desta forma, que com este estudo pretendemos compreender se a ansiedade materna de separação em cada uma das dimensões avaliadas pela *Maternal Separation Anxiety scale* poderá comprometer a adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar, nas diferentes dimensões desta.

É na mesma linha de investigação do estudo de Veríssimo, Alves, Monteiro e Oliveira, (2003) que nos focamos, contudo procurámos estabelecer somente crianças de 3 anos.

Os problemas de adaptação social conduzem o comportamento precoce numa trajetória adaptativa peculiar, que conseqüentemente prejudica as capacidades para o desenvolvimento das competências das crianças (Gottlieb, 1991 & Strayer, 1997, cit. por Silva, et al., 2004) Neste sentido, poderão ser averiguadas as questões da ansiedade de separação em relação à adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar. E verificar se estas duas variáveis estão correlacionadas.

## IV – Método

### 4.1) Participantes

Este estudo envolveu a participação de 45 crianças, respectivas mães e educadoras.

As crianças envolvidas têm idades compreendidas entre 36 e 48 meses, aproximando-se uma média de 44 meses ( $\sigma=2,85$ ). Destas 46 crianças, 24 do género feminino e 22 do género masculino.

As crianças deste estudo entraram para a creche entre os 6 e os 36 meses, aproximando-se uma média de 15 meses ( $\sigma= 8,94$ ).

As mães envolvidas têm idades compreendidas entre os 21 e 45 anos de idade, aproximando-se uma média de 34 anos ( $\sigma= 6,48$ ). Observou-se uma média de escolaridade das mães de 13 anos ( $\sigma= 4,17$ ).

A amostra foi seleccionada por conveniência, o que corresponde a 46 crianças provenientes de dois infantários do concelho de Mafra.

### 4.2) Instrumentos

Para a realização deste estudo, irão ser utilizados dois instrumentos, com objectivo de obtenção dos dados relativos a ansiedade de materna separação, *Maternal Separation Anxiety scale* (Hock et al., 1989) e da *Adaptação Psico-Social da Criança (APSE)* (Strayer & Noel, 1990).

#### **Escala de ansiedade de separação materna (Hock et al., 1989) (anexo A)**

A escala de ansiedade de separação materna (EASM; Hock et al., 1989) é composta por 35 itens, preenchida pelas mães, cuja resposta irá ser fornecida de acordo com a escala de

Likert que corresponde cinco possibilidades de resposta, desde discordo totalmente (1) ao concordo totalmente (5). (Anexo B)

Este instrumento procura aceder aos sentimentos e atitudes maternas face à separação. Os autores reconheceram cinco áreas, que serviram de base para a elaboração da escala: (1) expressão de sentimentos acerca da separação (e.g. tristeza, preocupação ou culpa); (2) desejo de proximidade física; (3) atitudes acerca do valor e da importância da exclusividade dos cuidados maternos; (4) crenças acerca das capacidades das crianças em se adaptarem e beneficiarem dos cuidados não maternos; (5) preocupações acerca das separações causadas pelo emprego materno. Os 35 itens, constituem a escala, onde formam três grandes dimensões: a *ansiedade de separação materna*, a *percepção materna dos efeitos da separação na criança* e *preocupações maternas dos efeitos da separação associadas ao trabalho*.

### **(1) Ansiedade materna de separação**

Esta sub-escala é composta por 21 itens que reflectem aspectos da ansiedade materna e sentimentos de culpa resultantes de, ou, em antecipação a ter de deixar a criança. Permita-nos aceder ao nível de conforto relacionado com a proximidade física e emocional da criança, assim como, ao nível de preocupação com a segurança física e o bem-estar emocional da mesma, nomeadamente, crenças acerca da importância da exclusividade dos cuidados maternos ou preocupações acerca da capacidade das mães para se adaptarem aos cuidados não-maternos. Por exemplo: “Quando estou longe do meu filho, sinto-me sozinha e tenho muitas saudades dele”; “gosto de ter o meu filho perto de mim a maior parte do tempo”. Uma mãe com uma cotação baixa, nesta sub-escala, indica que se preocupa pouco em passar tempo afastada do seu filho e que vivência pouco tristeza e preocupação.

### **(2) Percepção dos Efeitos da Separação na Criança**

Esta sub-escala possui 7 itens relativos às atitudes e reacção das mães à separação e aos possíveis efeitos positivos da separação nas crianças. Esta dimensão relaciona-se com as crenças da mãe sobre a contribuição que os cuidados não maternos poderão ter no desenvolvimento social da criança, ajudando-a a desenvolver competências sociais e autonomia e a tornar-se consciente da existência e a aceitar diferentes valores e pontos de

vista. Por exemplo: “ o contacto com pessoas diferentes é benéfico para o meu filho”; “Existem momentos na minha vida em que as crianças precisam de estar com outras pessoas que não as suas mães”. Mães que apresentam valores baixos nesta sub-escala, acreditam que as crianças ficam bem após a sua partida, se adaptam facilmente a ambientes onde elas não estão presentes, e que beneficiam socialmente destas separações.

### **(3) Preocupações acerca da Separação Provocada pelo Emprego**

Esta sub-escala é composta por 7 itens que avaliam as preocupações maternas acerca das separações mãe/criança provocadas pelo emprego, ou seja, tenta avaliar a forma como a mãe equilibra o papel maternal e profissional, exterior ao lar. Procura conhecer de que modo a mãe atribui importância e o seu interesse por uma carreira, profissão, ou ocupação, e pelo seu papel de mãe. Por exemplo: “desistiria do meu emprego se tivesse que ficar longe do meu filho”; “não me arrependeria de adiar a minha carreira para poder ficar em casa com o meu filho”. Valores elevados serão indicadores de que as mães consideram estas separações stressantes.

### **Adaptação Psico-Social da Criança (APSE) (Strayer & Noel, 1990) (anexo B)**

Este instrumento avalia o nível de adaptação social das crianças ao meio pré-escolar, através da identificação de comportamentos desviantes e/ou considerados de risco.

O questionário construído por Strayer & Noel (1990), é constituído por dezassete itens, agrupados em sete dimensões – Participação (itens: 10, 11, 14 e 16), Afirmação (itens: 7 e 13), Pró-social (itens: 8, 9 e 17) e Habilidades (itens: 3, 4, 5, 6 e 12), Agressão (item: 1), Ansiedade (item: 2) e Isolamento (item: 15). As respostas são dadas numa escala de tipo Likert de 1 (Muito Incaracterístico) a 5 (Muito Característico) (anexo C)

Este instrumento é preenchido pelas educadoras, relativamente a cada criança da sua sala, avaliando o nível de adaptação psico-social em que cada criança se poderia eventualmente encontrar.

*Escalas da APSE*

Na escala da Participação, estão incluídos os itens que dizem respeito ao humor e sentido de humor, ou seja, se a criança se mostra geralmente divertida, ri facilmente ou gosta de pregar partidas aos outros; à liderança, se a criança exerce ou não influência sobre os seus pares e se é imitado por eles, e por último a popularidade, que se refere à solicitação da criança por parte dos pares, ou seja, se esta é estimada pelos pares ou não.

A escala da Afirmação, refere-se à dominância, isto é, à posição que a criança ocupa no grupo de pares, se esta ganha a maior parte dos conflitos e é capaz de submeter os outros às suas vontades, bem como à motricidade geral, que diz respeito, ao nível de actividade e movimentação da criança.

A escala Pró-social, é constituída pelos itens que se referem à empatia, isto é, se a criança é sensível às reacções afectivas dos seus pares e susceptível de contágio emotivo, à generosidade, ou seja se a criança ajuda os seus colegas e empresta os seus brinquedos e objectos e à sociabilidade, que diz respeito à capacidade da criança de manter interacções sociais positivas.

A escala das Habilidades inclui os itens relativos à autonomia, que é entendida como a capacidade da criança de se desembaraçar bem sem ajuda, possuindo uma boa autoconfiança; à compreensão social, ou seja se a criança compreende ou não os pontos de vista dos outros e as suas intenções; à concentração, capacidade da criança de estar atenta à instruções, permanecendo sentado ao longo da actividade; ao desenvolvimento da linguagem, que diz respeito ao nível de expressão da criança, ou seja se esta se exprime e se faz entender com facilidade; por último, a motricidade fina, que é relativa à coordenação dos gestos e à destreza manual da criança.

Os itens isolados, referem-se à agressividade, que comporta o início de conflitos e de comportamentos agressivos, ao isolamento social, ou seja se a criança permanece frequentemente isolado e brinca sozinho e à ansiedade, isto é, se a criança sente medo e se se perturba facilmente, bem como se chora frequentemente.

### 4.3) Procedimentos

Com o objectivo assegurar a autorização para efectuar o estudo, foi elaborada uma carta para os membros da direcção dos infantários Santa Casa da Misericórdia de Mafra e Estrelinha do mar. A carta, (Anexo C), destinada ao aos Directores, solicitava a autorização da recolha de dados, sendo constituída por: o esclarecimento do tema de investigação, das hipóteses de estudo, o número de participantes necessários e pela descrição dos instrumentos a serem utilizados na recolha. A carta era constituída por um exemplar da escala de ansiedade materna de separação e outra do questionário da adaptação psicossocial; A carta de consentimento, que seria entregue a cada mãe junto com a escala (Anexo D), onde estariam especificados os objectivos do estudo, assegurado o voluntariado, o anonimato e a confidencialidade dos participantes. De seguida, foi explicado por escrito às mães a natureza do estudo, garantindo às mesmas protecção dos seus direitos, informando-as que os dados recolhidos seriam anónimos e confidenciais, destinando-se unicamente a procedimentos estatísticos, não sendo analisados individualmente e iriam ser destruídos posteriormente.

Após as autorizações necessárias dos infantários procedeu-se à entrega das escalas, numa primeira fase, às mães e posteriormente, a entrega da escala às educadoras, depois a recolha dos dados, tendo em conta os critérios de selecção pré-estabelecidos, acima descritos.

O trabalho de recolha de dados recorreu em 2 fases:

Numa primeira fase: A escala de ansiedade de separação materna após a entrega às mães através das educadoras das salas do jardim-de-infância que as crianças frequentam, foi recolhida com um intervalo de três semanas junto das educadoras. Após a recolha de todas as escalas passadas às mães, procedemos à segunda fase.

Segunda fase: Distribuição dos questionários da adaptação psicossocial da criança às educadoras, onde foi previamente discutido e esclarecidas todas as dúvidas.

Os dados foram recolhidos entre os meses de Março e Outubro de 2009.

## **V – Resultados**

A partir da recolha de dados, através dos questionários utilizados (EASM e APSE), prosseguimos para o tratamento estatístico, através de uma análise quantitativa dos dados obtidos. Deste modo, a apresentação e análise dos dados serão expostos em duas fases distintas. A primeira é referente à análise específica de cada instrumento utilizado; na segunda fase serão apresentadas as correlações e relações existentes nos dois instrumentos.

### **Diferenças individuais na escala Adaptação Psicossocial**

Com base numa análise de Variância foi possível verificar, que a diferença dos géneros não é significativa nas diferentes dimensões da Escala da Adaptação Psicossocial.

### **Diferenças individuais na escala Ansiedade Materna de Separação**

Com base numa análise de Variância constatámos que relativamente ao género também não se verificam diferenças significativas em nenhuma sub-escala.

### **Correlações entre as idades e a APSE**

Através de uma análise de correlação de Pearson, foi possível verificar que não existe relação entre a idade da criança e a escala da APSE. Também não foram encontradas correlações significativas entre a idade da mãe e a APSE.

### **Habilitações literárias das mães**

Analisaram-se, ainda, as correlações entre as Habilitações literárias das mães com as dimensões da APSE, onde não se verifica uma correlação significativa entre esta e as várias dimensões da escala.

### **Correlações entre as idades e a EASM**

Através de uma análise de correlação de Pearson, foi possível verificar que não existe relação entre a idade da criança e as três dimensões da escala da EASM. Da mesma forma, não se verifica correlações significativas entre a idade da mãe e as dimensões da escala.

### **Habilitações literárias das mães**

Relativamente às dimensões da Escala da Ansiedade Materna de Separação e as habilitações literárias das mães, não foram encontradas correlações significativas entre estas.

### **Correlação entre a Escala Ansiedade Materna de Separação e a Adaptação Psicossocial.**

Analisaram-se as associações entre as várias dimensões da Escala da Ansiedade Materna de Separação e as dimensões da escala da Adaptação Psicossocial. Os resultados serão apresentados na tabela 1.

**Tabela 1**

Escalas	Separação	Percepção	Emprego
Participação	.....	.....	.....
Prosocial	0,29	.....	.....

Habilidades	.....	.....	.....
Afirmação	.....	.....	.....
Agressividade	.....	.....	.....
Ansiedade	.....	.....	.....
Isolamento	0,30	.....	.....

Com a análise de Correlação de Pearson, verificou-se uma correlação significativa entre Ansiedade Materna de Separação e a escala prossocial ( $R=0,29$ ;  $p<0,04$ ), deste modo, sugere-se, que as crianças cujas as mães apresentam elevada ansiedade de separação, segundo a percepção da educadora, tem comportamentos prossociais, o que nos leva a afirmar que quanto maior a ansiedade separação da mãe, maior a probabilidade dos filhos demonstrarem comportamentos prossociais. Verificou-se também uma relação significativa entre ansiedade materna de separação e o isolamento ( $R=0,30$ ;  $p<0,03$ ). Deste modo, os filhos de mães com elevada ansiedade de separação, tendem segundo a percepção das educadoras a isolarem-se. As restantes dimensões das escalas Ansiedade de Separação e Adaptação psicossocial, não apresentaram quaisquer relações entre elas.

## VI – Discussão

A presente investigação procurou ilustrar a existência da relação entre a ansiedade materna de separação e a adaptação psicossocial ao pré-escolar, com crianças de três anos de idade, respectivas mães e educadoras.

Através de uma análise de variância, procurámos averiguar diferença de género para as duas escalas aplicadas. Vários estudos indicam diferenças comportamentais entre os rapazes e raparigas. Iannotti, (1985) sugere que as raparigas apresentam níveis mais baixos de comportamentos prossociais, por outro lado, Shaffer, (2005) e Veríssimo et al., (2003) sugerem que os rapazes têm mais tendência a actos agressivos, físicos e verbais que as raparigas. Crick, (1996) sugere que a agressão relacional é mais característica nas raparigas enquanto que a agressão explícita é mais frequente nos rapazes. No nosso estudo não foram encontradas quaisquer diferenças entre o género, o que contraria a grande maioria dos estudos.

Os nossos resultados indicaram que a ansiedade materna de separação está relacionada com a adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar. Nomeadamente, as crianças, cujas mães apresentam elevada ansiedade de separação, demonstram comportamentos prossociais. No entanto, também se verificaram que as crianças, cujas mães apresentavam níveis elevados de ansiedade de separação, manifestam comportamentos de isolamento social.

Por comportamentos prossociais entende-se todos os comportamentos de ajuda ou apoio, partilha e sensibilidade de um indivíduo para com o outro.

As crianças apresentam comportamentos prossociais desde muito cedo, ajudam e são capazes de demonstrar consideração pelos sentimentos dos outros, por outro lado, também demonstram indignação com a injustiça. (Radke-Yarrow, Zahn-waxler & Chapman, 1995).

Hoje em dia, com o elevado número de investigações acerca dos comportamentos prossociais, conhece-se a existência de vários factores que possam influenciar este tipo de comportamentos das crianças; um dos factores mais estudados, são o facto de o adulto não

ficar indiferente a um determinado comportamento positivo da criança, intervindo sob forma de reforço positivo (Smith, Cowie, & Blades, 1998).

Neste sentido, os nossos resultados demonstraram que as mães com elevada ansiedade materna de separação, têm filhos que são sensíveis às reacções afectivas dos seus pares, demonstram generosidade, e tem capacidade de manter interacções sociais positivas. Contudo, como referido anteriormente, também obtivemos resultados em que as crianças de mães ansiosas apresentam comportamentos de isolamento. Segundo Hymell et. al. (1990), uma criança que se isola do seu grupo de pares, apresentam indicadores de baixa auto-estima, ansiedade e depressão, necessitando de uma proximidade extrema à mãe ou à educadora. No entanto, é importante salientar esta relação, sendo a qualidade desta extremamente influente para todo o desenvolvimento da criança.

A ansiedade materna de separação tem vindo a ser foco de estudo para muitos investigadores. Autores como Stifter et al., (1993) sugerem que esta ansiedade de separação poderá afectar a relação de vinculação, estabelecendo uma vinculação insegura. Do mesmo modo, Lutz & Hock (2001), sugerem que a ansiedade de separação é determinada por várias características, da mãe, da criança, da situação do emprego materno, e que as variações de ansiedade influenciam as relações de vinculação.

A relação de vinculação estabelecida entre a díade mãe criança tem uma influência extrema para todo o desenvolvimento da criança, particularmente na relação que estabelece com os pares. De acordo com Kobak e Sceery, (1988 cit. por Lieberman, Doyle & Markiewicz, 1999), crianças com vinculação insegura, demonstram maior dificuldade em controlar e regular os seus afectos, numa dada situação de conflito entre os pares, manifestando comportamentos inadequados, nomeadamente o isolamento. Segundo os autores, as crianças cuja vinculação é segura, tem melhor auto-regulação de afectos, manifestando comportamentos positivos de frequência emotiva, o que permite um o favorecimento das interacções entre pares.

Nesta linha de pensamento é possível levantar a hipótese de que as mães que apresentaram elevada ansiedade de separação e cujos filhos apresentam dificuldade na adaptação psicossocial poderão desenvolver uma relação de vinculação insegura.

Por outro lado, tendo em conta os resultados obtidos, particularmente na correlação existente entre a subescala ansiedade de materna de separação e a subescala do comportamento prossocial, possibilita-nos levantar a hipótese de que as crianças que apresentam níveis elevados de comportamentos prossociais, também poderão ser influenciados não só pela ansiedade materna, como também pelas amizades recíprocas levando ao desenvolvimento de competências sociais. Sendo as relações de amizade, percebidas como tendo uma importância especial em termos dos resultados desenvolvimentais e da adaptação social. De facto podemos considerar que a capacidade para formar relações de amizade pode ser entendida com a característica principal da competência social (Rose-Krasnor, 1997).

Como referido anteriormente é possível afirmar que ansiedade materna de separação e a adaptação psicossocial da criança estão relacionadas; as crianças ao apresentarem comportamentos de isolamento, e noutros estudos (veríssimo, et al., 2003) já efectuados nesta linha de investigação, comportamentos de ansiedade, o que são reveladores de baixa competência social. Daí a necessidade de criar programas de intervenção com estas mães, para poder reduzir o nível de ansiedade e poder contribuir para desenvolvimento ajustado da criança.

A nossa revisão de literatura indica-nos que são escassos os estudos que abordam a temática da Ansiedade materna de Separação. Sendo a temática ansiedade de separação mais estudada na criança uma vez que é no primeiro ano de vida da criança que geralmente surge a esta ansiedade, sendo esta uma das limitações deste estudo. Como referido anteriormente, a importância de uma melhor contribuição desta temática é fulcral para o desenvolvimento da criança, sendo hoje em dia um processo normal, sendo a mãe forçada a deixar a criança por um determinado período de tempo, sendo visível na situação mais frequente do quotidiano a relação entre o emprego materno e o desconsolo da mãe ao deixar o seu filho, manifestando-se numa elevada ansiedade materna.

Outra limitação deste estudo diz respeito ao número de participantes do estudo, não podendo os resultados serem generalizados à população Portuguesa.

Futuros estudos são fundamentais para a contribuição de uma melhor compreensão desta temática, uma vez que, a ansiedade materna de separação na adaptação psicossocial da

criança, como verificamos anteriormente, está intimamente relacionada e exerce grande influencia, podendo ter implicações não só na adaptação como também no ajustamento social da criança.

## VIII – Referências Bibliográficas

Ainsworth, S. M. (1969). Object relations, dependency and attachment: a theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.

Ainsworth, M. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46 (4), 333-341.

Bost, K., Vaughn, B., Washington, W., Cielinski, K. & Bradbard, M. (1998). Social competence, social support, and attachment: Demarcation of construct domains, measurements, and paths of influence for preschool children attending Head Start. *Child development*, 69 (1), 192-218.

Bowlby, J. (1981). *Attachment and loss: sadness and depression*: vol. 3. New York: Penguin Book.

Bowlby, J. (1988). *A secure base: clinical applications of attachment theory*. London and New York: Routledge.

Cassidy, J., & Shaver, P. (1999). *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications*. New York and London: The Guilford Press.

Chase-Lansdale, P. L. & Owen, M., (1987). Maternal Employment in a Family Context: Effects on Infant-Mother and Infant-Father Attachment. *Child development*, 58, 1505-1512.

Cole, M. & Cole, S. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.

Crick, N. R., (1996). The role of overt aggression, relational aggression, and prosocial behavior in the prediction of children's future social adjustment. *Child Development*, 67, 2317-2327.

Field, T., Gewirtz, J., Cohen, D., Garcia, R., Greenberg, R., Collins, K. (1984). Leave-Takings and Reunions of Infants, Toddlers, Preschoolers, and Their Parents. *Child Development* 55:628–635.

Francisco, V., Pires, A., Pingo, S., Henriques, R., Esteves, M. A., & Valada, M. J., (2007). A depressão materna e o seu impacto no comportamento parental. *Análise Psicológica*, 2, (25), 229-239.

Hock, E. McBride, S. & Gnezda, M. T. (1989). Maternal Separation Anxiety: Mother-Infant Separation from the Maternal Perspective. *Child Development* 60, 793–802.

Hock, E. & DeMeis, D., (1990). Depression in mothers of infants: role of maternal employment. *Developmental Psychology*. 26, (2), 285-291.

Hock, E., & Schirtzinger, M., (1992). Maternal Separation Anxiety: Its Developmental Course and Relation to Maternal Mental Health. *Child Development* 63, 93-102.

Hsu, Hui-Chin, (2004). Antecedents and consequences of separation anxiety in first-time mothers: infant, mother and social-contextual characteristics. *Infant Behavior & Development*, 27, 113-133.

Iannotti, R. J. (1985). Naturalistic and Structured Assessments of prosocial behavior in Preschool Children: The Influence of Empathy and Perspective taking. *Developmental Psychology*, 21, 1, 46-55

Jacobson, J., Wille, D. (1984). Influence of Attachment and Separation Experience on Separation Distress at 18 Months. *Developmental Psychology* 20, 477-484.

Ladd, G & Price, J. (1986). Promoting Children's Cognitive and Social Competence: The Relation between Parents' Perceptions of Task Difficulty and Children's Perceived and Actual Competence. *Child Development*, 57, 446-4

Ladd, G. & Burgess, K., (1999). Charting the Relationship Trajectories of Agressive, Withdrawn, and Agressive/Withdrawn Children during Early Grade School. *Child development*, 70 (4), 910-929.

Lieberman, M., Doyle, A. & Markiewicz, D. (1999). Developmental pattern in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence. *Child development*, 70, 202-213.

Lopes, J., Rutherford, R., Cruz, M. C., Mathur, S. & Quinn, M., (2006). *Competências Sociais: aspectos comportamentais, emocionais e de aprendizagem*. Braga: Psiquilíbrios edições.

Lutz, W., & Hock, E., (2001). Maternal Separation Anxiety: Relations to Adult Attachment Representations in Mothers of Infants. *The Journal of Genetic Psychology, 156*, (1), 57-72.

McBride, S. & Belsky, J. (1988). Characteristics, Determinants, and Consequences of Maternal Separation Anxiety. *Developmental Psychology, 24*, (3), 407-414.

Moreira, P., (2004). *Ser Professor: Competências básicas...3*. Porto: Porto Editora

Perlman, M., Garfinkel, D. & Turrel, S., (2007). Parent and sibling influences on the quality children's conflict behaviour across the preschool period. *Social Development, 16*, (4), 619-641

Pires, A., (2001). *Crianças e (pais) em risco*. Lisboa: ISPA.

Radke-Yarrow, M.; Zahn-Waxler, C. & Chapman, M. (1983). Children's prosocial dispositions and behavior. In E. M. Hetherington (Ed.), P. H. Mussen (Series Ed.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 4. Socialization personality, and social development*. (pp. 459-546). New York Wiley

Rose-Krasnor, L., Rubin, K., Booth, C., & Coplan, R., (1996). The Relation of Maternal Directiveness and Child Attachment Security to Social Competence in Preschoolers. *International Journal of Behavioral Development, 19*, (2), 309-325.

Rose-Krasnor, L. (1997). The nature of social competence: A theoretical review. In R. Shaffer (Ed.), *Social Development* (pp. 111-129). Blackwell Publishers.

Schaffer, H. R., (1996). *Desenvolvimento social da criança*. Lisboa: Instituto Piaget

Silva, M. G. & Costa, M. E., (2005). Desenvolvimento psicossocial e ansiedades nos jovens. *Análise Psicológica*. 1, (23), 111-127.

Silva, R., Veríssimo, M., Santos, A. (2004). Adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar. *Análise Psicológica*. 1, (12), 109-118

Smith, P., Cowie, H. & Blades, M., (1998). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Instituto Piaget

Soares, I. (2006), vinculação e cuidados maternos: segurança, protecção e desenvolvimento da regulação emocional no contexto de relação mãe-bebé. In Canavarro, A., *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Quarteto, Domeda Calouste Gulbenkian.

Stifter, C., Coulehan, C. & Fish, M., (1993). Linking Employment to Attachment: The Mediating Effects of Maternal Separation Anxiety and Interactive Behavior. *Child Development*, 64, 1451-1460.

Thomson, R. A, (1998). Early sociopersonality development. In W. Damon & N. Eisenberg, *Handbook of child psychology: social emotional, and personality development* (vol.3). New York: John Wiley & Sons.

Veríssimo, M., Alves, S., Monteiro, L. & Oliveira, C., (2003). Ansiedade de Separação Materna e Adaptação Psicossocial ao Pré-escolar. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 4 (2), 221-229.

Veríssimo, M., Monteiro, L. & Santos, A.J. (2008) Escala da Ansiedade de Separação Materna. In A. P. Machado, C. Machado, L. S. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins & Vera Ramalho (Eds.), *Actas da XIII Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: APPORT (Edição em CD-Rom).

## Anexos

## Anexos A

## Maternal Separation Anxiety Scale

Hock, McBride and Gnezda (1989)

As afirmações seguintes são pontos de interesse e preocupação para as mães. Responda às afirmações de acordo com o que sente neste momento. Leia cada afirmação e faça um círculo à volta do número que traduz a sua opinião.

1. Quando estou longe do meu filho, sinto falta de o abraçar e de lhe pegar ao colo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

2. O filho é mais feliz comigo do que com a ama ou educadora.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

3. As crianças têm medo quando estão num local novo sem a mãe.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

4. A minha vida não estaria completa sem uma carreira profissional.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

5. Se uma criança é independente e extrovertida, é capaz de fazer amigos facilmente, sem a ajuda da mãe.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

6. Quando estou longe do meu filho, penso muitas vezes se as suas necessidades físicas (trocar de fralda, comida suficiente, etc.) estão a ser satisfeitas.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

7. Segurar e abraçar o meu filho fazem-me sentir tão bem que, quando estou afastada dele, sinto realmente a falta da sua proximidade física.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

8. Preocupo-me mais com a segurança física do meu filho do que a educadora ou a ama.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

9. Será difícil para o meu filho adaptar-se a outra pessoa que tome conta dele.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

10. Abdicaria do meu emprego se este me obrigasse a ficar afastada do meu filho.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

11. O meu filho beneficia de experiências de grupo (i.e., creche, jardim de infância) já que lhe proporcionam experiências sociais que ele não tem em casa.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

12. Quando não estou com o meu filho, sinto-me sozinha e sinto muito a sua falta.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

13. Só uma mãe sabe consolar o seu filho quando ele está perturbado.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

14. É provável que uma criança fique perturbada quando é deixada com uma ama ou educadora.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

15. Tenho um plano sistemático sobre o modo como vou construir a minha carreira profissional.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

16. É bom para o meu filho passar algum tempo longe de mim para que ele possa aprender a lidar com as pessoas desconhecidas e situações novas.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

17. Na maior parte do tempo, gosto de ter o meu filho comigo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

18. Sou, naturalmente melhor a manter o meu filho em segurança do que qualquer outra pessoa.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

19. Acredito que o meu filho sente a minha falta quando tenho que o deixar entregue a alguém por algum tempo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

20. A minha carreira profissional ou o meu emprego dão-me imensa satisfação pessoal

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

21. Mesmo que o meu filho se agite um pouco quando saio, sei que ele ficará bem em poucos minutos, depois de eu o deixar.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

22. Não gosto de deixar o meu filho.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

23. O meu filho prefere estar comigo, mais do que qualquer outra pessoa.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

24. O meu filho fica assustado e com medo quando não está comigo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

25. Não me arrependeria de adiar a minha carreira para poder ficar em casa com o meu filho.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

26. O meu filho precisa de estar algum tempo longe de mim para que desenvolva um sentido de independência.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

27. Quando estou separada do meu filho, penso se ele está a chorar e se sente a minha falta.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

28. Não me divirto quando estou longe do meu filho.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

29. Preocupa-me o facto de o meu filho nunca estar completamente bem fora de casa, se eu não estiver com ele.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

30. As crianças exigem muito e eu, muitas vezes, desejava ter mais tempo para a minha carreira.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

31. O contacto com pessoas diferentes é bom para o meu filho.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

32. Preocupa-me quando é outra pessoa que trata do meu filho.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

33. Se pudesse escolher entre trabalhar a tempo inteiro ou ficar em casa com o meu filho, escolhia ficar em casa.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

34. Há momentos na vida das crianças pequenas em que elas precisam de estar com outras pessoas que não as suas mães.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

35. Quando estou longe do meu filho, preocupo-me se a ama ou educadora é, ou não capaz de confortar o meu filho se ele estiver sozinho ou aborrecido.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Concordo Pouco	Concordo	Concordo totalmente

## Anexo B

O questionário “Adaptação Psicossocial da Criança” foi desenvolvido no Qebeque pelos membros do Laboratoire d’Ethologie Humaine (1990). Procura avaliar a adaptação psicossocial de crianças em idade pré-escolar, através das opiniões sócio-educativas fornecidas pelas educadoras de infância.

<b>Educadora</b>	<b>Sala</b>
<b>Ajudantes</b>	

---

**Agressividade**

---

**Inicia os conflitos; é provocado(a) facilmente**

---

	<b>MUITO INCARACTERÍSTICO</b>			<b>MUITO CARACTERÍSTICO</b>	
	<b>Muito</b>	<b>Pouco</b>	<b>Neutro</b>	<b>Pouco</b>	<b>Muito</b>
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5

---

**Ansiedade**

---

**Tem medo facilmente; muito emotivo(a);perturba-se facilmente; chora frequentemente**

---

	<b>MUITO INCARACTERÍSTICO</b>			<b>MUITO CARACTERÍSTICO</b>	
	<b>Muito</b>	<b>Pouco</b>	<b>Neutro</b>	<b>Pouco</b>	<b>Muito</b>
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5
Nome da Criança	1	2	3	4	5

---

**Autonomia**

---

















Anexo C

Ericeira, 14 de Janeiro de 2009

À Direcção da Santa Casa da Misericórdia de Mafra

Exmos. Srs.

Foram realizados vários estudos que parecem indicar a ansiedade de separação materna como um importante factor que influencia a adaptação psicossocial da criança e consequentemente o seu desenvolvimento social.

A ansiedade da separação é definida como um conjunto de emoções e sentimentos desagradáveis, tais como a perda, a solidão e tristeza que são vivenciadas quando os sujeitos são separados de uma pessoa importante da sua vida, e ainda revela-se também por preocupação, tristeza ou culpa.

Teoricamente, a ansiedade da separação numa criança é considerada um processo normal do desenvolvimento, sendo que, permite assegurar a sobrevivência e desenvolvimento da criança.

O desenvolvimento cognitivo da criança é muito importante no desenvolvimento da ansiedade da separação. Nomeadamente, no desenvolvimento da memória e na capacidade da criança ao reconhecer quando alguém é familiar ou estranho. Este aspecto é um dos componentes chave no desenvolvimento da ansiedade e do protesto da separação da criança.

Neste sentido, eu, Rita Maria Simões Inácio Rodrigues, aluna do Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, com o meu projecto de investigação para dissertação de Mestrado (“Ansiedade de Separação Materna e Adaptação Psicossocial ao Pré-escolar”) orientado pela Prof. Dra. Manuela Veríssimo, pretendo analisar e compreender a relação entre a ansiedade de separação materna e a qualidade da adaptação psicossocial de crianças em idade pré-escolar.

Para que a investigação seja significativa, o número de participantes serão cerca de 40 crianças com 3 anos de idade, respectivas mães, onde é solicitado o preenchimento de

uma escala (ansiedade de separação materna) e respectivas educadoras (preenchimento de um questionário).

A Escala de Ansiedade Materna irá ser administrada às mães, permitindo identificar os sentimentos e atitudes maternas face à separação. As educadoras de infância preencherão um questionário de Adaptação Psicossocial da Criança com vista à obtenção de dados relativos à qualidade da adaptação psicossocial das crianças.

Espero com este estudo, poder contribuir para uma melhor compreensão da relação entre a ansiedade de separação materna e a adaptação psicossocial da criança, bem como alertar para a importância da implementação de estratégias preventivas cada vez mais precoces e eficazes.

Assim, solicito a Vossas Excelências, a vossa colaboração, para que a dissertação seja realizada neste Jardim-de-infância, com mães de 40 crianças de 3 anos e respectivas educadoras, após autorização prévia do Encarregado de Educação da Criança.

Sem outro assunto de momento, despeço-me agradecendo desde já a vossa disponibilidade, estando à disposição para qualquer dúvida eventual ou informação complementar.

Com os melhores cumprimentos,

Anexo D

Caro Encarregado de educação,

Eu, Rita Maria Simões Inácio Rodrigues, aluna do 2º ano do 2º ciclo do Mestrado Integrado em Psicologia – na área de Psicologia Educacional – no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, necessito de, no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, realizar o projecto de investigação, com a temática “Ansiedade de Separação Materna e Adaptação Psicossocial ao Pré-escolar”.

Esta investigação irá ser realizada com uma amostra de 40 crianças com 3 anos de idade, onde será pedida a colaboração de suas mães, onde solicito o preenchimento de uma escala (ansiedade de separação materna) e respectivas educadoras (preenchimento de um questionário). Esta dissertação de Mestrado será acompanhada e orientada pela Professora Doutora Manuela Veríssimo.

Neste sentido, venho solicitar autorização para que possa desenvolver a minha investigação podendo colaborar com a sua participação.

Agradeço, antecipadamente a colaboração,

Mafra, 30 de Janeiro de 2009

---

Rita Rodrigues

## Declaração de Consentimento Informado

Eu,.....,  
Encarregado(a) de Educação de .....  
, declaro que tomei conhecimento e me disponibilizei a colaborar com a presente  
investigação acima referida, a realizar por Rita Maria Simões Inácio Rodrigues, aluna  
do 2º ano do 2º ciclo do Mestrado Integrado de Psicologia – área de Psicologia  
Educativa – no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Assinatura do(a) Encarregado(a) de Educação

.....

Data.....

Mafra, 25 de Fevereiro de 2009

Exma. Sra.

Sou aluna do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, a realizar o Mestrado Integrado em Psicologia da Educação.

No âmbito da investigação “Ansiedade de Separação Materna e Adaptação Psicossocial ao Pré-escolar” orientado pela Prof. Dra. Manuela Veríssimo, venho levar a cabo a minha dissertação de Mestrado na Instituição frequentada pelo(a) seu (sua) filho(a).

Para que tal seja possível, é fundamental a sua colaboração, que se traduzirá no preenchimento de um questionário.

De forma a conhecer a sua disponibilidade, agradeço desde já o preenchimento do pequeno inquérito que se segue.

### **1) Estou disposta a colaborar**

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

(se respondeu “não”, termine aqui o preenchimento do inquérito, se “sim” continue para alínea 2)

### **2) Identificação do seu filho**

Nome:

Data de nascimento:

Idade da entrada para a Creche/infantário:

### **3) Sua identificação**

Nome:

Idade:

Profissão:

Habilitação Literária:

Depois da recolha das autorizações e respectivos questionários, os dados serão trabalhados estatisticamente. Posteriormente, serão destruídos de forma a garantir a confidencialidade das informações contidas neste inquérito.

Desta forma, despeço-me agradecendo desde já a disponibilidade, estando à disposição para qualquer dúvida. Contudo, peço-lhe a máxima brevidade na entrega deste questionário, pois o tempo é um factor importante para o resultado desta pesquisa. Assim, solicito a entrega deste questionário até dia 18 de Março.

Atenciosamente,

## Anexo E

## APSE EM FUNÇÃO DO GENERO

## RESULTADO DA ANÁLISE DE VARIANÇIA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
part	Between Groups	,008	1	,008	,024	,877
	Within Groups	13,721	44	,312		
	Total	13,728	45			
prosoc	Between Groups	,122	1	,122	,282	,598
	Within Groups	19,098	44	,434		
	Total	19,220	45			
hab	Between Groups	,020	1	,020	,068	,795
	Within Groups	12,930	44	,294		
	Total	12,950	45			
afir	Between Groups	,492	1	,492	2,206	,145
	Within Groups	9,812	44	,223		
	Total	10,304	45			
Apse_1	Between Groups	,159	1	,159	,246	,622
	Within Groups	28,450	44	,647		

	Total	28,609	45			
Apse_2	Between Groups	,700	1	,700	1,234	,273
	Within Groups	24,952	44	,567		
	Total	25,652	45			
Apse_15	Between Groups	,191	1	,191	,123	,728
	Within Groups	68,678	44	1,561		
	Total	68,870	45			

## ANSIEDADE MATERNA DE SEPARAÇÃO FUNÇÃO DO GENERO

## ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
sep	Between Groups	,127	1	,127	,452	,505
	Within Groups	12,315	44	,280		
	Total	12,442	45			
perc	Between Groups	,394	1	,394	2,121	,152
	Within Groups	8,179	44	,186		
	Total	8,574	45			
empre	Between Groups	,114	1	,114	,325	,571
	Within Groups	15,444	44	,351		
	Total	15,559	45			

## Correlações

		part	prosoc	hab	afir	sep	perc	empre
part	Pearson Correlation	1	,682(**)	,715(**)	,604(**)	,032	,032	-,066
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,831	,833	,661
	N	46	46	46	46	46	46	46
prosoc	Pearson Correlation	,682(**)	1	,565(**)	,377(**)	,299(*)	-,164	,060
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,010	,043	,275	,692
	N	46	46	46	46	46	46	46
hab	Pearson Correlation	,715(**)	,565(**)	1	,469(**)	,013	-,156	-,222
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,001	,930	,300	,138
	N	46	46	46	46	46	46	46
afir	Pearson Correlation	,604(**)	,377(**)	,469(**)	1	,004	,107	,198
	Sig. (2-tailed)	,000	,010	,001		,980	,480	,188
	N	46	46	46	46	46	46	46
sep	Pearson Correlation	,032	,299(*)	,013	,004	1	-,155	,413(**)
	Sig. (2-tailed)	,831	,043	,930	,980		,303	,004
	N	46	46	46	46	46	46	46
perc	Pearson Correlation	,032	-,164	-,156	,107	-,155	1	,215
	Sig. (2-tailed)	,833	,275	,300	,480	,303		,152

	N	46	46	46	46	46	46	46
empre	Pearson Correlation	-,066	,060	-,222	,198	,413(**)	,215	1
	Sig. (2-tailed)	,661	,692	,138	,188	,004	,152	
	N	46	46	46	46	46	46	46

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

### Correlations

		Idc_APSE	Idm	Hlm	part	prosoc	hab	afir	sep	perc	empre
Idc_APSE	Pearson Correlation	1	,087	,203	,165	-,121	,199	,082	-,081	-,170	,215
	Sig. (2-tailed)		,566	,175	,275	,424	,185	,588	,594	,258	,151
	N	46	46	46	46	46	46	46	46	46	46
Idm	Pearson Correlation	,087	1	,057	,059	,000	,223	-,035	-,041	,132	-,091
	Sig. (2-tailed)	,566		,709	,697	,999	,136	,817	,785	,381	,547
	N	46	46	46	46	46	46	46	46	46	46
Hlm	Pearson Correlation	,203	,057	1	,058	-,125	,289	,050	-,264	-,113	-,257
	Sig. (2-tailed)	,175	,709		,704	,410	,051	,741	,076	,454	,085
	N	46	46	46	46	46	46	46	46	46	46
part	Pearson Correlation	,165	,059	,058	1	,682(**)	,715(**)	,604(**)	,032	,032	-,066



empre	Pearson Correlation	,215	-,091	-,257	-,066	,060	-,222	,198	,413(**)	,215	1
	Sig. (2-tailed)	,151	,547	,085	,661	,692	,138	,188	,004	,152	
	N	46	46	46	46	46	46	46	46	46	46

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

### Correlations

		sep	perc	empre	agressi	ansiedade	isolamento
sep	Pearson Correlation	1	-,155	,413(**)	,071	,137	,307(*)
	Sig. (2-tailed)		,303	,004	,641	,363	,038
	N	46	46	46	46	46	46
perc	Pearson Correlation	-,155	1	,215	,161	-,064	-,189
	Sig. (2-tailed)	,303		,152	,286	,670	,209
	N	46	46	46	46	46	46
empre	Pearson Correlation	,413(**)	,215	1	,123	,186	,254
	Sig. (2-tailed)	,004	,152		,414	,216	,088
	N	46	46	46	46	46	46
agressi	Pearson Correlation	,071	,161	,123	1	,196	,359(*)
	Sig. (2-tailed)	,641	,286	,414		,192	,014

	N	46	46	46	46	46	46
ansiedade	Pearson Correlation	,137	-,064	,186	,196	1	,403(**)
	Sig. (2-tailed)	,363	,670	,216	,192		,005
	N	46	46	46	46	46	46
isolamento	Pearson Correlation	,307(*)	-,189	,254	,359(*)	,403(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,038	,209	,088	,014	,005	
	N	46	46	46	46	46	46

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).



